

## OBRAS DE ENGENHARIA PERSONAGENS NA LITERATURA

Melchiades Montenegro

Algumas construções feitas pelo homem estão inseridas em textos literários de tal forma intrínseca que é impossível dissociá-las deles. Não necessariamente grandiosas, celebres, centenárias e de pedra. Em muitos casos simples embarcações, muralhas, torres, choupanas, casebres ou palafitas que não deixaram rastros na história a não ser nas páginas da literatura.

Um antigo texto literário cuja referência mais antiga data de 3.000 Antes de Cristo, *O ÉPICO DE GILGAMESH*, da Era dos Sumérios, trata da construção de uma embarcação para fazer face a um dilúvio e de construção de muralhas de proteção de uma cidade, ambas ligadas a engenharia naval e engenharia militar. É o primeiro texto literário.

Na BÍBLIA encontramos várias obras de engenharia como personagens, a primeira delas é no *LIVRO DO GÊNESIS* com a construção da Torre de Babel, casualmente ainda existente no atual Iraque. O Palácio do rei Davi, citado na Bíblia e recentemente descoberto em Jerusalém pela arqueologia. Depois temos no *II LIVROS DAS CRÔNICAS*, o rei Salomão construindo o primeiro Templo Judeu, com toda a descrição de sua edificação segundo medidas usadas na época. Segue uma sequência de descrições de destruições parciais e reconstruções do Templo, até chegar a invasão Babilônica com a narrativa da sua destruição total. A epopeia de reconstrução dele seguiu cinquenta anos depois, com a autorização do rei persa Ciro para o retorno dos judeus, cativos na Babilônia. O rei judeu Herodes, contemporâneo da infância de Jesus, investiu imensos recursos no final de sua reconstrução. Mas esse Templo foi totalmente destruído pelo general e futuro imperador romano Tito, na tomada de Jerusalém, no epílogo da revolta dos judeus entre os anos de 66 a 70 DC. É descrito seu desmantelamento na obra literária *GUERRA DOS JUDEUS*, escrita por Flávio Josefo.

As pirâmides do Egito entram na literatura pela monumental obra *DESCRIÇÃO DO EGITO (Description de l'Egypte)* quando cita a frase "Soldados do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam", atribuída ao então general Napoleão Bonaparte antes da batalha pela conquista do Cairo, além de que na obra existem descrições

pormenorizadas delas e de outros monumentos egípcios. O general levava com suas tropas uma missão científica e cultural francesa de 167 estudiosos para documentar sistematicamente todos os aspectos do país, protegidos pelo exército invasor. No seu retorno a missão publicou a obra *DESCRIBÇÃO DO EGITO*, ainda hoje reconhecido como o mais importante estudo erudito europeu do Egito antigo e moderno.

A *CABANA DO PAI TOMÁS* é um livro da escritora [estadunidense Harriet Beecher Stowe](#). Publicado entre 1851 e 1852 sob a forma de folhetim, num jornal abolicionista moderado, "National Era", e recusado pelos primeiros editores a quem foi proposto sob a forma de livro, *A CABANA DO PAI TOMÁS*, acabaria por ser editado a 20 de Março de 1852. O livro vendeu dez mil exemplares na primeira semana nos Estados Unidos e 300.000 exemplares no primeiro ano. Influenciou profundamente a ideia de emancipação dos escravos na mente dos norte-americanos. Embora o título seja o de uma construção – uma cabana, seu enredo trata da terrível vida dos escravos e na bondade do habitante dela, Pai Tomás.

*O CASTELO DO HOMEM SEM ALMA* é um [romance](#) de ficção, escrito pelo médico escocês [Archibald Joseph Cronine](#) e o primeiro livro do autor, escrito em 1930 e publicado em 1931. Relata a vida de uma família patriarcal de sobrenome Brodie, sendo na trama, o personagem principal, um chapeleiro chefe da família. Sr. Brodie demonstra todo seu amor doentio por Nessie, a filha caçula; a incompreensão perante sua filha Mary, o caminho tortuoso do filho Matt e a mãe Margareth angustiada com o fim que pode se tornar toda a essa desavença na família. Mostrando assim ódio caminhando junto ao amor, uma história de traição, submissão e renúncia. O título com a palavra CASTELO é uma simples alusão de domínio do personagem central sobre os membros da família.

*NOTRE-DAME DE PARIS*, também conhecido como *O CORCUNDA DE NOTRE-DAME*, é um [livro](#) de autoria do escritor [francês Victor Hugo](#), publicado em 1831. A obra veio a público originalmente com o título de "*Notre-Dame de Paris*", e nem sequer se centrava no personagem que a eternizou, uma vez que só quando foi traduzida para a [língua inglesa](#), em 1833, este nome apareceu no título. Em sua origem, constituía-se em um [romance histórico](#), voltado para o público adulto, com o intuito de conscientizá-lo para a necessidade de se conservar a [Catedral de Notre-Dame](#). Na obra, Victor Hugo não se limita a descrever apenas a antiga Catedral, mas ilustra historicamente a sociedade da [Paris medieval](#), e os

contrastes dos seus personagens, desde os pedintes e **ciganos** ao **rei** e à **nobreza**.

A *EMPAREDADA DA RUA NOVA* é uma obra do **escritor** pernambucano **Carneiro Vilela** e também uma lenda Urbana recifense. É um **romance** histórico, uma obra mítica da literatura naturalista **pernambucana**, que relata o caso de uma jovem **burguesa**, engravidada pelo namorado e que foi emparedada viva em seu próprio quarto, a mando de seu pai, um abastado comerciante, para encobrir a vergonha familiar e preservar-lhe a **honra**. O **crime** teria sido cometido em um sobrado na Rua Nova, no Bairro de Santo Antônio, no Recife, onde hoje está localizado um prédio que, segundo um neto do escritor, tem o número 200. A obra foi editada em folhetim no **Jornal Pequeno**, entre **1909** e **1912**, depois transformada em livro. A história acabou se tornando polêmica e envolta em mistério. Os **recifenses** mais antigos acreditam que o romance foi realmente um crime que poderia ter acontecido. Não se sabe realmente se o caso é verídico ou se tudo não passou de imaginação do infatigável escritor pernambucano. O romance retrata com vivacidade a sociedade recifense da segunda metade do século XIX, apresentando uma série de cenas onde aparecem os costumes, as festividades, o casamento, a condição feminina, o lazer, a escravidão, a marginalidade e outros aspectos importantes da cultura local. Descreve pormenorizadamente a engenharia utilizada no emparedamento e na descrição do sobrado onde se desenvolve a trama.

A engenharia náutica é protagonista de uma série de publicações literárias pela tragédia que se abateu no início do século XX, com o afundamento do transatlântico Titanic. O primeiro livro publicado foi *FUTILIDADE OU O NAUFRÁGIO DO TITAN* – Quatorze anos antes do naufrágio do Titanic, o britânico Morgan Robertson narrou o acidente. A trama principal desse curioso livro é o naufrágio de um enorme navio que colide com um iceberg no Atlântico Norte em uma viagem durante o mês de abril. A explicação para a morte de metade dos passageiros não podia ser outra: poucos botes salva-vidas. *O FANTASMA BRANCO DO DESASTRE E OUTRAS HISTÓRIAS* – O jornalista britânico W.T. Stead antecipou a tragédia e o próprio destino infeliz. Famoso por publicar histórias de navios engolidos pelo oceano e pessoas que morriam à deriva, ele acabou vivendo tudo isso a bordo do Titanic. Ele, que se interessava por médiuns, recebeu diversas recomendações para não viajar de barco no mês de abril ou tomar cuidado com catástrofes na água. Morreu congelado no Atlântico. *A PERDA DO TITANIC* – Um dos primeiros livros sobre o assunto após a fatídica madrugada de 15 de abril. A obra é o relato do

sobrevivente Lawrence Beesley, escrito ainda em 1912. *COMO SOBREVIVER AO TITANIC: O NAUFRÁGIO DE J. BRUCE ISMAY* – Desmoralizado e falido, J. Bruce Ismay, presidente da White Star Line se aposentou no ano seguinte. Esse livro de Frances Wilson desmistifica um pouco da imagem do empresário e afirma que ele era só “um homem comum sob circunstâncias extraordinárias”. *TITANIC: ÍCONE DE UMA ERA* – Crônica visual sobre o gigante dos oceanos. O autor é Michael McCaughan, que foi curador do Museu de Folclore e Transporte de Ulster, na Irlanda. Para ele, a embarcação era o símbolo do reinado do britânico Eduardo VI no mar. Seu trabalho reúne fotos exclusivas com anúncios publicitários da White Star Line. Na opinião de McCaughan, há dois Titanics: “o real, que naufragou em 1912, e há o Titanic da imaginação, que zarpu após aquela época e ainda está em curso hoje em dia”.

Para um exemplo bem próximo a nós temos o livro *MALDIÇÃO E FÉ* do engenheiro escritor Alexandre Santos que trata de um CASARÃO OLINDENSE, por meio do gênero da ficção, baseado em fatos reais ocorridos em Pernambuco em meados do século XVII. O enredo se propõe a investigar as causas que teriam levado à misteriosa conservação da única casa edificada junto à igreja da Misericórdia e que escapou ilesa do incêndio, ateadado pelos holandeses e que destruiu a vila de Olinda, em 24 de novembro de 1631. O livro trata de perversões, sadismo, prostituição, demônios, anjos e outros temas, mas centraliza seu foco nessa casa construída e preservada em Olinda. O autor também leva o leitor a um tipo de engenharia lendária na antiga Marin dos Caetés – seus antigos túneis. De forma ficcional caminha com o leitor pelos seus meandros a percorrê-los através da trama da narrativa.

Finalizando, cito uma forma de obra de engenharia que se encontra subentendida, no auto, *MORTE E VIDA SEVERINA*, de João Cabral de Melo não sendo jamais citada pelo autor, mas que encerra e encena o final da trama: o mocambo palafita nos alagados no Recife.

